

Profanações, de Giorgio Agamben. Tradução e apresentação de Selvino J. Assmann. Editora Boitempo, 96 pgs. R\$ 26

Publicada no Caderno Prosa & Verso, de O Globo, em 19 de maio de 2007, na página 3

No Brasil, o livro “Profanações”, de Giorgio Agamben, vem se juntar às traduções de “Infância e história”, “A linguagem e a morte”, “Homo Sacer” e “Estado de exceção”, sendo o mais recente lançamento e, de todos, o publicado originalmente há menos tempo (2005). É preciso celebrar tal rapidez editorial que, com sua iniciativa, sinaliza a necessidade de nos confrontarmos com um pensamento que, no que diz respeito à política, ao direito, à filosofia, à mística, à literatura ou, de modo geral, às artes, é dos mais prolíferos e contundentes em todo mundo de hoje.

Se, no Brasil, seus estudos políticos têm sido privilegiados, e se ainda estamos à espera de, entre outros, “Homem Sem Conteúdo”, “Estâncias” e “Idéia da Prosa” para que entre nós seja mais divulgado o pensamento do filósofo no que diz respeito à arte e a uma ética que, a partir dela, lhe diga respeito, a publicação de “Profanações” é de extrema importância, exatamente na mistura das inquietações artísticas, menos conhecidas no Brasil, e políticas, mais trabalhadas entre nós.

Nele, tanto cinema, fotografia e literatura quanto questões que lhes dizem respeito, como da imagem, da paródia, do autor e da pornografia se mesclam a outras, tais quais a da felicidade, do deus latino Genius e do elogio à profanação, que lhes estão associadas, bem como a criadores como Orson Welles, Foucault, Benjamin, Elsa Morante, Kafka e Dondero.

Não à toa, diz-se que a obra de Agamben é uma prosa teórica, e ele, um escritor filosófico. Falar nestes termos é trazer o escritor, enquanto passagem da escrita (trazer, portanto, a própria escrita), para o âmbito do pensamento, mostrando que a construção de uma obra filosófica é, também, literária, poética. Agamben leva tal realização ao extremo: em um de seus livros, a proposta da indiscernibilidade entre poesia e filosofia está apresentada como a verdadeira fala humana.

Antepenúltima obra do italiano, “Profanações” é uma excelente mostra disso. Seu estilo é sempre o de uma escrita exemplar que agrega a excelência maior do pensamento filosófico rigoroso a uma escrita literariamente de altíssima voltagem que se deixa, inclusive, permeável ao mais cotidiano. Veja-se esta passagem de “Genius”, ao lado de “Elogio da Profanação”, um dos ensaios mais incríveis da filosofia recente: “Todo o impessoal em nós é genial; genial é, sobretudo, a força que move o sangue em nossas veias ou nos faz cair em sono profundo, a desconhecida potência que, em nosso corpo, regula e distribui tão suavemente a tibieza e dissolve ou contrai as fibras dos nossos músculos. É Genius que, obscuramente, apresentamos na intimidade de nossa vida fisiológica, lá onde o mais próprio é o mais estranho e impessoal, o mais próximo é o mais remoto e indomável. Se não nos abandonássemos a Genius, se fôssemos apenas Eu e consciência, nunca poderíamos nem sequer urinar. Viver com Genius significa, nessa perspectiva, viver na intimidade de um ser estranho, manter-se constantemente vinculado a uma zona de não-conhecimento”.

Este ensaio trata do deus latino ao qual todo homem é confiado quando gerado. Se Genius é o deus da intimidade e do que em nós é pessoal, é também o da impessoalidade ou da pré-individualidade, do que em nós nos ultrapassa, da potência que nos faz sermos íntimos da própria estranheza, ou seja, de nossa vida enquanto não nos pertence. Porque escrevemos para nos tornarmos impessoais, Genius é o deus que

torna a vida (feliz ou pânica, alegre ou terrífica) poética, implicando o escritor numa ética da escrita.

Também da política provém a força maior do livro, lançado na coleção “Marxismo e literatura”. O ensaio homônimo do livro conceitualiza a profanação como o “restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado”. Ao invés do que une o humano ao divino, a religião é o corte que cuida para que permaneçam separados, fazendo com que as coisas religiosas sejam as que não pertencem mais aos homens, mas aos deuses. Trazer ao uso comum o que estava segregado, neutralizando seus dispositivos de poder, é tarefa da profanação. Continuando as indicações de Benjamin e de Débord, Agamben tece uma crítica ao capitalismo (com museus, shoppings, mídias, desfiles de moda etc) visto como religião, na medida em que nele tudo fica dividido de si e jogado na esfera do espetáculo, da comunicação e do consumo, tentando fundar-se num Improfanável. Profanar o Improfanável, usá-lo, passa a ser uma política da geração que vem.

Enquanto tarefa da geração que vem, a política e a arte se misturam, já que as duas cuidam da manutenção de uma pura potência em que, para horror dos dogmatismos, nada se fixa.

ALBERTO PUCHEU é poeta e professor de Teoria Literária da UFRJ